

# ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 6

*Nélson Jahr Garcia*

BIOGRAFIA DO AUTOR — 10

## **HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS**

I. — 15

QUEBRA DO HOMEM DOS QUARENTA  
ESCUDOS

II. — 19

CONVERSAÇÃO COM UM GEÔMETRA

III. — 39

AVENTURA COM UM CARMELITA

IV. — 42

AUDIÊNCIA DO SENHOR INSPETOR GERAL

V. — 47

CARTA AO HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS

VI. — 52

NOVAS CONTRARIEDADES OCASIONADAS  
PELOS NOVOS SISTEMAS

VII. — 59

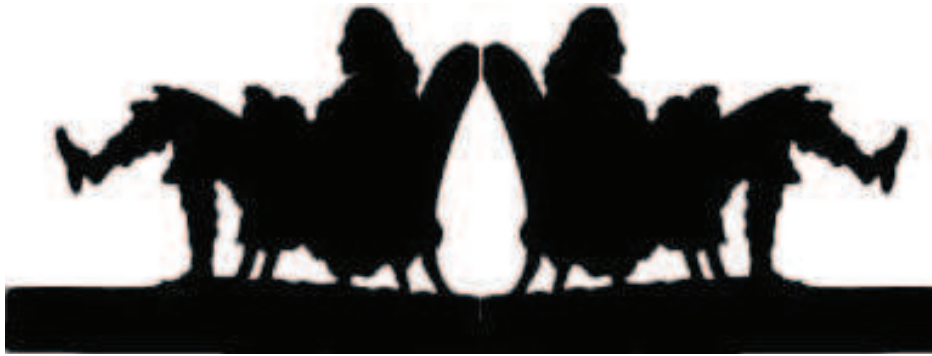
CASAMENTO DO HOMEM DOS QUARENTA  
ESCUDOS

VIII. — 68

O HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS TORNA-

SE PAI E DISCORRE SOBRE OS MONGES  
IX. — 77  
DOS IMPOSTOS PAGOS AO ESTRANGEIRO  
X. — 81  
DAS PROPORÇÕES  
XI. — 91  
DA SÍFILIS  
XII. — 100  
GRANDE QUERELA  
XIII. — 103  
A EXPULSÃO DE UM CELERADO  
XIV. — 106  
O BOM SENSO DO SENHOR ANDRÉ  
XV. — 109  
DE UMA BELA CEIA EM CASA DO SENHOR  
ANDRÉ  
NOTAS — 118

# **O HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS**



**VOLTAIRE**

# APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Esta obra é fruto do particular interesse de Voltaire pela Economia Política e pela agricultura. Defendia que o desenvolvimento de um país dependia da riqueza produzida pelo trabalho produtivo de seus habitantes. Suas idéias a respeito estão concentradas no diálogo entre “O homem dos quarenta escudos” e “O Geômetra”. Aí se discute distribuição de renda, enriquecimento iníquo, tributação excessiva, desigualdade, exploração, injustiça. Aborda ainda inúmeros outros assuntos, sempre com sua peculiar ironia.

Escreveu o texto numa época (1768) em que surgiam inúmeras teorias propondo novos sistemas para a economia e agricultura. Voltaire que nutria profunda ojeriza pelos sistemas metafísicos, irritou-se ainda mais com sistemas formulados para uma área que considerava depender apenas de experiência e bom senso.

Uma de suas afirmações a respeito é incisiva:

“Desconfie, toda a vida, dos testamentos e dos sistemas; já fui vítima deles, como o senhor. Se os Sólon e

Licurgos modernos zombaram do senhor, ainda mais zombaram de mim os novos Triptólemos; e, não fosse uma pequena herança que me reanimou, teria eu morrido de miséria.”

Sobre a fúria tributária das autoridades, a irreverência é total:

“Homens de gênio profundo apresentaram-lhe projetos. Imaginara um lançar impostos sobre a inteligência.

— Todos — dizia ele — se apressarão a pagar, pois ninguém quer passar por tolo.

— Declaro-o isento do imposto — retrucou-lhe o ministro.”

Mesmo quando enaltece, o faz numa espécie de argumento a contrário, em que a crítica acaba prevalecendo, é o que se vê na passagem sobre a importância do livro:

“Muitos bons burgueses, muitas grandes cabeças, que se julgam boas cabeças, dizem, com ar importante, que os livros não servem para nada. Mas não sabem, esses vândalos, que não são governados a não ser por livros? Não sabem que o código civil, o código militar

e os Evangelhos são livros de que dependem continuamente. Leiam, esclareçam-se; só pela leitura se fortifica a alma; a conversação a dissipa, o jogo a limita.”

E a ironia continua, sua visão da arrogância humana se destaca pelo sarcasmo:

“O homem dos quarenta escudos, que já o era no mínimo dos duzentos, perguntou em que local se achava o seu filho.

— Numa pequena bolsa — lhe disse o amigo, — entre a bexiga e o intestino reto.

— Santo Deus! — exclamou ele. — A alma imortal de um filho nascida e alojada entre a urina e algo pior!

— Sim, meu caro vizinho, a alma de um cardeal não teve outro berço; e com tudo isso ainda se fazem de arrogantes e dão-se ares.”

Nem poupou os médicos, sem nenhuma sutileza:

“Estava arruinado, perdido, se não fora uma velha tia que um grande médico despachou para o outro mundo,

raciocinando tão bem em medicina como eu em agricultura.”

O ataque frontal, como sempre, se dá em relação aos jesuítas pelos quais tinha um profundo desprezo:

“A ceia se prolongou bastante, e no entanto não se discutiu sobre religião, como se nenhum dos convivas jamais tivesse alguma; o que quer dizer que nos tornamos polidos, e por isso tanto mais receamos contristar os outros, à mesa. O que não acontece com o regente Coger, e o ex-jesuíta Nonnotte, e o ex-jesuíta Patouillet, e o ex-jesuíta Rotalier, e todos os animais dessa espécie. Esses sórdidos nos dizem mais tolices numa brochura de duzentas páginas do que se pode dizer de agradável e instrutivo numa ceia de quatro horas. E o mais estranho é que eles não se atreveriam a dizer de cara, a ninguém, o que têm a impudência de imprimir.”

“O Homem dos Quarenta Escudos” é mais uma obra imperdível, daquele que foi um dos mais geniais pensadores de seu tempo e se tornou eterno.

## BIOGRAFIA DO AUTOR



FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).



Em 1726, em consequência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescentando-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu *Candide*, *Histoire de la Russie sous Pierre le Grand*, *Histoire du Parlement de Paris*, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

Um velho, que sempre lastima o presente e louva o passado, me dizia:

— A França, meu amigo, não é tão rica hoje como no tempo de Henrique IV. E por quê? Porque as terras já não são tão bem cultivadas; os homens subtraem-se à terra e, tendo o jornaleiro encarecido o trabalho, vários proprietários deixam as suas herdades incultas.

— De que provém essa escassez de trabalhadores?

— É que todos aqueles que sentiram alguma habilidade adotaram os ofícios de tecelão, gravador, relojoeiro, procurador ou teólogo.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

